



Crônica “O Sol”¹

Yuri Miranda REBÊLO²

Lázaro MAGALHÃES³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Neste paper, apresentarei a crônica produzida por mim durante o ano de 2008, denominada “O Sol”. A crônica foi feita como exercício de laboratório, e teve a avaliação e aprovação do orientador e professor Lázaro Magalhães. Ela faz um paralelo entre o sol e os problemas do mundo, entre a função do corpo celeste e as pessoas que estão ao redor, através de uma linguagem coloquial e de certa forma saudosista. O meu interesse era realmente expor a minha opinião e ao mesmo tempo trazer qualquer forma de contribuição ao leitor, acrescentando também, prática à minha escrita, e ao gênero jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; sol; jornalismo opinativo.

CORPO DO TRABALHO

O Sol

Ah o Sol! Astro maior do sistema solar, rei do universo, sempre trazendo alegria por onde passa, não importa a hora ou o dia! Nada como passear em uma tarde ensolarada de domingo e tomar um sorvete na praça! Ou talvez assistir um jogo do seu time do coração!

Ah o Sol! Faz parte do dia-a-dia, mas mesmo assim nós adoramos vê-lo, do alto do seu esplendor! É o ponto de referência do sistema solar, fazendo todos os planetas girarem em torno dele. Uma gigantesca bola de gás explodindo constantemente, emitindo calor e luz de seu denso núcleo gasoso.

Ah o Sol! Fonte de alimentos para as plantas e inspiração para os poetas. Mas mesmo o Sol tem seu papel de vilão, afinal de contas é ele que aproveita o buraco na camada de ozônio para derreter as calotas polares, iniciar o efeito estufa e aquecer o mundo de um modo geral.

Ah o Sol! Mesmo como uma coisa sem vida ainda é um símbolo de justiça, de esperança e de verdade. Uma espécie de justiceiro que não se move, só esquentar e ilumina, enquanto a Terra se move ao redor dele ao longo de 365 dias e seis horas. Se todos fossem como ele, aquecendo e iluminando tudo e todos ao seu redor, tudo seria melhor no mundo! Pense em

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo opinativo – Editorial, Comentário, Artigo, Coluna, Resenha, Crônica, Caricatura.

² Aluno autor do trabalho. Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: yurirebello@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Ex-Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, email: redatores@gmail.com.



uma Terra onde todos ficassem tranquilos, sem incomodar ninguém, só iluminando o caminho dos outros! Sem incomodar a não ser em casos inevitáveis em que a culpa não é nem sua!

Mas esse planeta é difícil de imaginar. Como toda a corrupção em torno da política, miséria, violência e todos os males que assolam o mundo só crescem, essa é uma realidade quase utópica, inalcançável, que todos procurarão para sempre e dificilmente acharão. Isso se alia à falta de sentimento de ajuda e compaixão. Como imaginar que todos fossem bons, que cuidariam do que é seu sem querer tirar do próximo?

Mas peço perdão! Em meu devaneio acabei me esquecendo do que falava! O que era mesmo? Ah, o Sol!

INTRODUÇÃO

Fazer uma crônica não é algo que utilize todas as habilidades e potenciais que um jornalista deveria ter. Não precisa apurar informações, descobrir furos de reportagem, lidar com todo tipo de fontes, procurar pautas, nada disso. Na verdade muitos nem consideram a crônica como um legítimo gênero jornalístico. Muitos a colocam como um tipo de literatura, e todos a reconhecem como forma de comunicação, mas não jornalismo. Eu pessoalmente sou fã de grandes cronistas, como Luis Fernando Veríssimo, Fernando Sabino e o grande Nelson Rodrigues na crônica esportiva. Mas o que é preciso pra fazer uma crônica? Na prática o que eu usei para escrever a minha foram somente duas coisas: uma idéia na cabeça e a vontade de escrevê-la. E na verdade eu acho que esse é o básico para começar a escrever. Nem é preciso que faça sentido aos outros, desde que faça para você. Quando eu me propus a fazer esta crônica, pensei em fazer algo que, eu pelo menos, nunca tinha visto antes, que não fosse descartável e acima de tudo que estivesse no nosso dia-a-dia. Pensei nessa relação que nós temos com o sol, tão íntima e tão distante; E ao mesmo tempo com coisas da nossa vida mundana, que nós às vezes relutamos em aceitar. Apesar de tudo, a idéia não veio de imediato, e quando eu pensei em relacionar o sol com a sociedade, percebi que achei um caminho a que seguir, pois até esse tipo de texto, normalmente mais livre, precisa de uma linearidade. Não nego que procurei por muito tempo algo relacionado ao esporte, minha grande paixão, mas acabei me decidindo por algo um pouco mais relevante ao dia-a-dia e ao mundo, até para negar um pouco a idéia de futilidade que as pessoas nutrem acerca desse tipo de texto. Embora pouco notada, a estrutura da crônica em si é singular e engenhosa: ela começa falando do sol, chega ao seu ápice mostrando um sol esplendoroso, depois começa a falar de coisas não tão agradáveis, chegando cada vez mais



ao fundo com verdades sobre a sociedade, até que no final o sol reaparece, como o ciclo de um dia passando na própria crônica.

OBJETIVO

O meu objetivo principal foi relacionar o sol enquanto corpo celeste, com a sociedade à nossa volta, mostrando que se as nossas ações se assemelhassem às dele, provavelmente o mundo seria mais aberto, as pessoas seriam mais fáceis de lidar e conviver. Escolhi o sol exatamente por ser literalmente uma grande referencia, e ser usualmente símbolo de coisas boas, prosperidade, além de ser isento de qualquer suspeita, uma vez que não tem vida. Assim eu teria um ponto referencial idôneo. Portanto meu objetivo era usar o sol como comparação para tentar conscientizar as pessoas dos males do mundo, mesmo que a comparação em si seja estranha, uma vez que é uma sociedade que passou séculos formando os seus preceitos e ideais, e um corpo-celeste inanimado, focos totalmente distintos que eu achei que só deixaria o texto mais pitoresco.

JUSTIFICATIVA

A justificativa para a criação da crônica é que se tratava de um trabalho para a disciplina de “Laboratório de Introdução ao Jornalismo”. Na época, o trabalho foi passado para os alunos praticarem os diversos gêneros jornalísticos, desde reportagens e artigos, até crônicas e notas. Os textos deveriam ser avaliados pelo professor Lázaro, professor e orientador desse trabalho e casualmente corrigidos. Isso foi o que me motivou inicialmente. Posteriormente, quando comecei a pensar sobre o que escrever, fiquei muito empolgado com a idéia de liberdade para escrever sobre o que quisesse, e isso me incentivou mais ainda, principalmente porque o jornalismo esportivo, caminho que pretendo seguir, é composto fundamentalmente pelas crônicas, e a idéia de entrar no assunto me motivou muito, e ainda que o esporte tenha ficado ausente do meu produto final, considero ter tido um aprendizado muito grande, pois o conhecimento prático se sobrepôs ao teórico, uma vez que o exercício era pratico, e o foco era fazer o trabalho.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Esse tipo de produção não exige muita técnica, a não ser na escrita. Eu considerei de vital importância conseguir ser claro e me fazer entender, pois todos pensam de maneira diferente, e o ideal é escrever de um modo que todos entendam, sem perder a idéia original. É necessário saber se expressar e se fazer entender através das palavras, apesar disso ser



mais questão de prática, não necessariamente de técnica. Mas eu admito que pensei premeditadamente em duas coisas que não sei se posso considerar como técnicas: a de usar sempre linguagem mais coloquial, de forma a deixar a crônica leve de um modo geral, agradável de ler e com certo tom saudosista; e a de dar à estrutura do texto um significado: o de imitar o ciclo do sol durante o percurso de um dia; Uma espécie de semiótica implícita na própria estrutura. Este foi um artifício que me proporcionou mais um diferencial, com o texto todo fazendo um ciclo parecido com um dia; esse eu considero como a cereja do bolo, a estrutura pensada dele, que a priori pode parecer comum, mas foi realmente pensada. Fora isso o trabalho foi principalmente pensativo, tentando comparar de forma criativa o sol e a sociedade.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de criação foi trabalhoso, pois ao mesmo tempo que eu queria algo inédito, eu queria algo mundano também. Foi acima de tudo uma questão de pensar até achar algo. Quando pensei no sol e o comparei à nossa vida, percebi que ele está sempre presente, mas não nos incomoda; Que apesar de ser o maior corpo em um raio de milhões de anos-luz, ainda assim ele não é vaidoso nem orgulhoso; por isso o relacionei com atitudes e fatos da sociedade que, em minha opinião, poderiam ser melhor se fossem como o sol. Resolvi repetir a expressão “Ah o sol” no início de cada parágrafo, apenas para dar um ar saudosista, apesar do que, talvez sonhador seja a palavra mais adequada; mesmo assim, não tive nenhuma intenção de passar uma idéia de poesia, como pode parecer. Minha intenção era somente deixar o texto mais leve e agradável, fácil de ler, além de fazer o jogo com a vírgula no final, que eu achei que seria interessante, embora talvez o final tenha ficado meio abrupto. A leitura do texto é boa e se desenrola com naturalidade, pois pensei em um possível público-alvo, e conclui que a crônica não poderia ser muito grande, principalmente porque seria mais fácil perder o fio da meada. Além disso, percebi que a estrutura diferente da crônica acabou estabelecendo uma relação de significado, o que para alguns, como Charles Peirce já pode ser considerado signo, enquanto para outros como Ferdinand de Saussure, ainda não é possível aplicar o conceito. Vejo-me obrigado a concordar com Peirce, pois a estrutura tem uma singularidade tão grande, e transmite uma mensagem tão essencial, que não há como não considerá-lo um signo, pois um texto sobre o sol que segue um ciclo equivalente a um dia de sol é muito diferente. No entanto considero que ficou bom mesmo assim. Enfim, pensei muito e fiz uma crônica de que me orgulho muito



CONSIDERAÇÕES

O resultado final do meu trabalho foi uma crônica que me agradou muito e também ao meu orientador. Gostaria de agradecer novamente ao professor Lázaro Magalhães, que já saiu da instituição, mas com certeza nos transmitiu muito do que sabia. Gostaria também de citar que esse mesmo texto foi publicado, com uma devida edição, no jornal Diário do Pará, em sua edição de 3 de Maio de 2009, na área dedicada aos leitores, também com ajuda do orientador supra-citado. Sou um aspirante a jornalista esportivo, e no meu caso a crônica e a reportagem de campo são algumas das tarefas mais primordiais, e eu considero que já estou me adentrando no mundo de uma delas pelo menos. Apesar de tudo estou descobrindo na universidade que a comunicação é muito mais densa, e tem muito mais a oferecer do que eu imaginava, pois é não só uma questão de fazer matérias e escrever textos, mas é relacionada com o público, com a publicidade, com vários fatores e campos de conhecimento diferentes. Se tantos teóricos encontraram dificuldades para delinear o nosso objeto de estudo, é porque se trata de um campo amplo, onde é possível se deparar com praticamente qualquer coisa. Com um campo de trabalho tão multidisciplinar assim, eu não me atrevo a dizer que serei única e exclusivamente jornalista esportivo, mas continua sendo minha grande meta, e este trabalho foi muito importante para exercitar a escrita, a minha capacidade de me expressar pelas palavras e relacionar criativamente coisas do meu dia-a-dia, coisas que eu considero essenciais para não só para uma crônica bem sucedida, como para qualquer texto, reportagem, nota ou artigo. Além disso, este trabalho foi inscrito no último dia, pois não planejava inscrever nada. Agora fico feliz que me lembrei dele, e está justificando o orgulho que senti quando o escrevi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, Wellington. Crônica: a arte do útil e do fútil. Editora Calandra, 2004.

SABINO, Fernando. AS melhores crônicas. Editora Record, 2000.

FOLHA DE S. PAULO. Manual de redação da Folha de São Paulo. Publifolha. 12 ed. 2007.

GARCIA, Luiz. Manual de redação e estilo. Editora Globo. 23 ed. 1996.